

Islão contra Islão: a nova Gaza na Síria

José Pedro Teixeira Fernandes, *Público*, 10 de Junho de 2021

1. Com as suas lentes seculares modernas, o ocidental do século XXI tem dificuldade em entender os conflitos do Médio Oriente. Na sua mente há democratas e ditadores, progressistas e conservadores, comunistas e fascistas, capitalistas e anticapitalistas. Vê o mundo como uma luta entre opressores (ditadores de direita ou de esquerda) e oprimidos (democratas e defensores dos direitos humanos). Está viciado num pensamento secular e universalista onde há democracia, direitos humanos, etc. Esqueceu grelhas de leitura não seculares dos processos políticos, bem mais úteis do que imagina. É provável que o ocidental dos séculos XVI e XVII estivesse mais apto para ler os conflitos do Médio Oriente do século XXI do que o ocidental de hoje. As actuais lutas fratricidas no Islão são mais inteligíveis por um princípio político que os ocidentais quase esqueceram — *cuius regio, eius religio*, a religião do governante determina a religião dos governados. Foi usado na Paz de Augsburg, em meados do século XVI, para pôr fim a um conflito sangrento entre católicos e protestantes do Sacro Império Romano-Germânico. Tal como nesse passado europeu, nem opressores, nem oprimidos, lutam hoje no Islão por ideologias seculares que remetem a religião para a esfera privada, ou por direitos humanos universais.

2. Nos conflitos do Médio Oriente, dos quais a guerra da Síria é o hoje caso mais importante, surgiram diversas explicações plausíveis no contexto ocidental. Nos *media* e na academia levaram a intensos debates e estão na origem de uma volumosa literatura. Todavia, são construções teóricas muitas vezes desfasadas da realidade. Como notado, na Síria do século XXI temos um conflito que tem uma grelha de leitura útil recorrendo a uma lógica política pré-secular. Várias evidências empíricas sugerem isso. A religião política dos governantes — Bashar Al-Assad e o seu clã familiar — é um Islão heterodoxo próximo do xiismo (são alauitas). A religião política dos governados é largamente o Islão sunita. É observável no terreno que o conflito político-militar ocorre sobretudo ao longo dessa fractura. (Existe ainda uma fractura étnica entre árabes e curdos.) É também verificável que a guerra da Síria espelha as fracturas do vizinho Iraque numa lógica inversa. O Governo de Saddam Hussein e do seu clã de Tikrit no Iraque assentavam o poder no Islão sunita, mas governavam um país maioritariamente muçulmano xiita. Em ambos os casos, a religião do governante não era a religião dos governados, o que levou à instabilidade política e à propensão para o conflito violento. Em ambos, a pacificação à força do Islão faz-se até o princípio *cuius regio, eius religio* ser uma realidade no terreno. No Iraque mudando os governantes (graças aos EUA), na Síria mudando os governados (graças ao Irã e Rússia).

3. A guerra da Síria expôs cruamente o mito da solidariedade muçulmana. É a retórica preferida de governantes turcos sunitas (Recep Tayyip Erdoğan) nostálgicos do Império Otomano e do poder dos sultões-califas; de iranianos xiitas (*ayatollah* Ali Khamenei)

que sonham estender a sua teocracia ao Mediterrâneo; e de árabes sunitas-wahhabitas (príncipe Mohammed bin Salman da Arábia Saudita), que imaginam voltar aos tempos gloriosos dos impérios árabes. Muitos ocidentais, impressionados por casos como os da Palestina ou das caricaturas do Profeta Maomé, dão-lhe credibilidade. Mas há demasia evidências empíricas contrárias. Na guerra da Síria, o conflito provocou mais mortes e sofrimento do que qualquer outro em curso. Mas nem sequer precisávamos da guerra da Síria, ou da guerra do Líbano, para chegar a essa inferência incómoda. Nos anos 1980, na guerra Irão-Iraque, o *ayatollah* Ruhollah Khomeini e Saddam Hussein mandaram milhões de muçulmanos para a morte. Claro que isto mostra também a falácia ocidental da tese do conflito de civilizações de Samuel P. Huntington, onde o Islão, visto como um bloco civilizacional, teria confrontos violentos com outras civilizações, não consigo próprio. Se a realidade seguisse a teoria, a guerra da Síria não existiria tal como a conhecemos.

4. Está a surgir uma nova faixa de Gaza na província do Idlib, na Síria. Nada tem a ver com o conflito Israelo-Palestiniano, que muitos ocidentais imaginam a maior ferida do mundo muçulmano. É produto (indirecto) de uma antiga e profunda ferida intra-islâmica. Todavia, vários paralelismos podem ser estabelecidos. “A densidade populacional da província de Idlib é agora maior do que a densidade populacional da Faixa de Gaza que historicamente tem sido visto como um dos territórios mais enclausurados do mundo”. A afirmação é de David Miliband, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, na altura da Conferência de Segurança de Munique de 2020. Naquele que é praticamente o último reduto da oposição armada sunita a Bashar Al-Assad — um cada vez mais exíguo pedaço de terra encravado no Noroeste da Síria — encontram-se mais de 4 milhões de civis e algumas dezenas de milhares de combatentes rebeldes encurralados. Na Faixa de Gaza, os palestinianos estão há longos anos bloqueados nas suas fronteiras terrestres e marítimas por Israel, mas também pelo Egipto. No Idlib, os sírios estão cercados pelas forças militares de Bashar Al-Assad e dos seus aliados iraniano e russo e emparedados a Norte pelo exército da Turquia. Tal como o Egipto não quer os palestinianos de Gaza no seu território, a Turquia também não quer os sírios do Idlib. À semelhança da Faixa de Gaza — onde os islamistas-jihadistas do Hamas controlam o território — no Idlib o equivalente é o Jabhat al-Nusra, uma ramificação da Al-Qaeda reciclada como Hayat Tahrir al-Sham.

5. Com o imenso sofrimento humano que se encontra no Idlib, o que faz o mundo islâmico para pacificar e reconstruir a Síria, evitando uma nova Gaza? A Turquia ocupa partes do Norte da Síria, apoia grupos rebeldes jihadistas que fazem o trabalho sujo no terreno contra os curdos e empurra-os para fora do seu território histórico. O Irão treina e equipa milícias armadas xiitas, constrói mesquitas e converte sírios ao seu Islão. Envia ainda populações xiitas para repovoar territórios outrora de árabes sunitas que fugiram da guerra. Apoio humanitário e reconstrução? Os ocidentais que paguem a factura que são ricos e estão cheios de sentimentos de culpa pós-colonial. Em relação aos irmãos sunitas, mais vale tê-los mortos ou refugiados no Ocidente do que regressar à Síria. Esta intervenção iraniana tem vantagens para o Governo de Bashar Al-Assad — livra-se de sunitas que lhe contestam a legitimidade e ganha xiitas

teoricamente mais dóceis —, mas contém riscos. Ficou refém do fanatismo teocrático dos iranianos e das suas ambições de poder. Quanto ao seu outro grande aliado, a Rússia, compete com o Irão em influência política e para se pagar, a si própria, da intervenção militar na Síria. Mas se o curso da história tivesse sido inverso — tendo os opositores arrastado os EUA e a NATO para o conflito —, estaríamos a ver o algo similar (e o proselitismo fanático sunita-wahhabita da Arábia Saudita a tomar conta da Síria). No Idlib, ou noutro recanto, teríamos uma tragédia humana idêntica à da Palestina. A diferença é que o Idlib, onde muçulmanos fazem sofrer muçulmanos, não serve de palco para as ambições de poder de Erdoğan, Khamenei e outros, pois contradiz o que apregoam.

<https://www.publico.pt/2021/06/10/mundo/analise/islao-islao-nova-gaza-siria-1965901>